

FAGUILHA

Edição 02

Jornal do Curso de Filosofia da UNESPAR

Edição: Sócrates Lemos



DESTAQUE DO MÊS



SUMÁRIO

Para que serve a Filosofia?....	Pág.01
Olhar Popular.....	Pág.02
Política em debate.....	Pág.03
Você conhece?.....	Pág.04
Labirinto.....	Pág.05
Arruaça.....	Pág.06
Filosofinha/os.....	Pág.07
Filosofia Ilustrada.....	Pág.08



UNESPAR

Universidade Estadual do Paraná
Campus de União da Vitória

EDIÇÃO 02

União da Vitória/PR, 13 de setembro de 2024



PARA QUE SERVE A **FILOSOFIA?**

Entre os gregos da Antiguidade, existiu um filósofo para lá de interessante. Chamava-se Diógenes, o cão, ou Diógenes, o cínico. Vivia dentro de um barril, comia e bebia com as mãos, usava uma roupa velha, suja e rasgada, e andava com um lampião aceso durante o dia, em busca de um homem verdadeiro. Adorava enfrentar as lideranças e tradições de seu tempo, acusando-as de ser um amontoado de pessoas e costumes ridículos. Sem se preocupar em ser aceito pelos outros, decidiu fazer da filosofia uma revolta contra o espetáculo da existência humana. Para isso, preferiu usar gestos e ações em vez de um apanhado de discursos. Mas, ao se manifestar, Diógenes também indicava a serventia da filosofia: praticar conscientemente a atividade de falar a verdade, dizendo-a por inteiro, em qualquer situação.

Este seria o caminho para a felicidade, um caminho inverso ao da maioria das pessoas. Então, a filosofia serviria para sair dizendo tudo o que bem entender na cara das pessoas? Não. Diógenes exigia lucidez, clareza de pensamento, disciplina e uma dieta regrada, para que corpo e mente se mantivessem distantes de confusões, misticismos e obscurantismos. O filósofo, diria Diógenes, ao praticar a filosofia, entenderia que nada pertence a qualquer pessoa, a não ser as necessárias para a sobrevivência.

Diógenes, o cínico



Autores/a: Leonardo B., Thiago Stadler, Kelli Natascha.

LHAR *Popular*



Talvez você já tenha presenciado alguma fala em tom de deboche sobre o CAPS, Centro de Atenção Psicossocial.

Muitos dos comentários fazem alusão a algo negativo que não têm vínculo algum com a instituição, mas sim com os desdobramentos e o modus operandi dos manicômios, contra os quais os centros de atenção psicossocial lutam. O movimento antimanicomial tem como um de seus princípios promover os direitos das pessoas com sofrimento mental e lutar por uma sociedade sem manicômios. Lembrem-se do Hospício Colônia Santa Isabel, em Barbacena, Minas Gerais, que utilizava práticas de tortura, maus tratos, perpetuação de preconceitos e segregação de pessoas marginalizadas, sem falar na precária estrutura daquele local?

Pois bem. É preciso esclarecer que os risos direcionados aos CAPS são, antes de tudo, um desprezo contra o caminho de enfrentamento já traçado e desenvolvido pelos centros em prol da erradicação da desumanização e desvalorização de vidas que se encontram em estado de vulnerabilidade psicossocial, e contra a memória de todas as pessoas que perderam suas vidas em manicômios sem tratamento digno. O riso, neste contexto, não é uma brincadeira, e sim, violência. Antes de caracterizarmos de maneira errada uma instituição e criar sobre ela uma imagem distorcida, é necessário perguntar: o que é o Centro de Atenção Psicossocial? Quais são os procedimentos adotados em seus atendimentos ao público? E você, sabe o que é o CAPS?

Autores/a: Flávia Janaína, Caique Augusto, Samuel Senek.



POLÍTICA EM DEBATE

O século XXI retém muitas características do que houve de pior na política do século XX, sendo uma delas a permanência das massas como um dos atores no cenário político. Massas, atenção, não devem ser identificadas com um determinado espectro político, mas como um comportamento ao qual qualquer um pode estar sujeito quando não submete a política a uma profunda reflexão. Em meio ao medo do poder das multidões, Gustave Le Bon, em *Psicologia das Multidões*, ofereceu uma análise do conceito de massas, indo além da ideia de uma aglomeração de pessoas. Ele observou que a massa é uma entidade com mente própria, onde a individualidade é dissolvida e surge um comportamento coletivo único.

O “Eu” individual, a personalidade própria de cada um, que leva em conta diversos fatores culturais, se dilui para dar lugar a uma personalidade que se diferencia das demais, mas compartilha semelhanças, mesmo que os caminhos percorridos no âmbito social dessas diversas pessoas sejam diferentes ou mesmo opostos. Isso é possível graças a uma coerção feita a partir de estímulos que tocam no fundo da alma, onde se encontram as paixões e os valores, que, talvez confusos, refletem vontades que as pessoas individualmente se sentem incapazes de dar vazão. Isso nos leva a refletir sobre como a política é influenciada pela dinâmica das massas e sobre o poder que elas têm para reivindicar o socialmente nocivo.



Autores: Jackson dos Santos, Jean Tavares, Petry Fernandes.

VOCÊ CONHECE?



Antonio Gramsci /1891-1937/, filósofo e político italiano, ganhou renome graças à sua contribuição à teoria marxista. Um dos fundadores do Partido Comunista Italiano, foi preso pelo regime fascista de Benito Mussolini, e enquanto estava na prisão, escreveu 33 cadernos brochura, obras que ficaram conhecidas como "Cadernos do Cárcere". Seus escritos influenciaram

diversas áreas de estudo, ao destacar a importância da cultura e das ideias na luta por transformação política e social. Dentre as contribuições do autor, destacamos: a "hegemonia cultural" e a diferenciação entre intelectuais "tradicionais" e "orgânicos". A hegemonia cultural descreve a dominação de uma classe social a partir de instituições culturais que moldam valores, crenças, normas, símbolos etc. A classe dominante utiliza da cultura para exercer o poder e perpetuar sua hegemonia, não apenas pela força, mas pelo consentimento da classe dominada. Quanto aos tipos de intelectuais, os tradicionais são frequentemente vistos como independentes do mundo econômico e social, embora, na prática, sirvam para manter a hegemonia cultural da classe dominante. Já os intelectuais orgânicos, surgem de uma classe social específica e trabalham para organizar e liderar essa classe, articulando suas necessidades e aspirações. No fundo, todo ser humano pode ser considerado um intelectual, mas nem todos desempenham na sociedade a função de intelectual.

Autor/as: Sarah, Luís Santos, Letícia.

LABIRINTO

Certa vez, Gilles Deleuze, um filósofo francês, afirmou que a atividade filosófica consiste, fundamentalmente, em um contínuo e permanente esforço de criação e recriação de conceitos. Isso, concluiu ele, é o que diferencia a filosofia da ciência e da arte. Que tal conhecer alguns conceitos da filosofia?

Desembaralhe as letras abaixo e descubra-os!

1. MIOTANOAU _____
2. XIATENSECI _____
3. CILEFIDEDA _____
4. DAITEDIDEN _____
5. TUÇASJI _____
6. ARELBIDED _____
7. TEORM _____
8. ZETARUAN _____
9. POMTE _____
10. REDAVED _____

Autor: Marcos Zmijewski.

ARRUAÇA



Xul Solar, pintor argentino

“A arte existe para que a realidade não nos destrua”, disse Friedrich Nietzsche. O que isso significa? No cotidiano, podemos esquecer da relação que estabelecemos com a arte, mas ela se faz presente de modo sutil em nossas vidas. Por exemplo, nas músicas que escutamos para amplificar o que sentimos; nas séries e filmes que vemos; nos passos que damos em danças solitárias ou em companhia das

das pessoas queridas; e nos livros que nos levam para outras realidades. Todas essas vivências são experiências estéticas que suavizam a dureza de uma realidade desgastante. Mas por que buscamos fugir da realidade? O ser humano é formado pela sua história e pelas instituições que existiam antes dele. Isso cria uma série de desafios: nascemos, vivemos e morremos, buscando cumprir objetivos e alcançar uma noção preestabelecida de sucesso. Mas e se essa noção não nos cabe? O que nos resta, se não nos adaptamos à forma de viver de nosso tempo? Ailton Krenak, filósofo brasileiro, diz que estamos a cair, como em um precipício, e que a existência, por tanto, consiste em um vazio existencial. Então, se estamos a cair, o que nos resta, é criar paraquedas coloridos. Façamos, então, mundos vibrantes, mas acima de tudo, diversos e artísticos. Constitua mundos onde é possível existir de modo vívido. Afinal, como diria Manuel de Barros, só 10% da criação artística é mentira. O resto é invenção!

Autores/a: Carlos Schneider, Guilherme Ferreira, Maria Lopes.

FILOSOFIA AS SOFINHOS

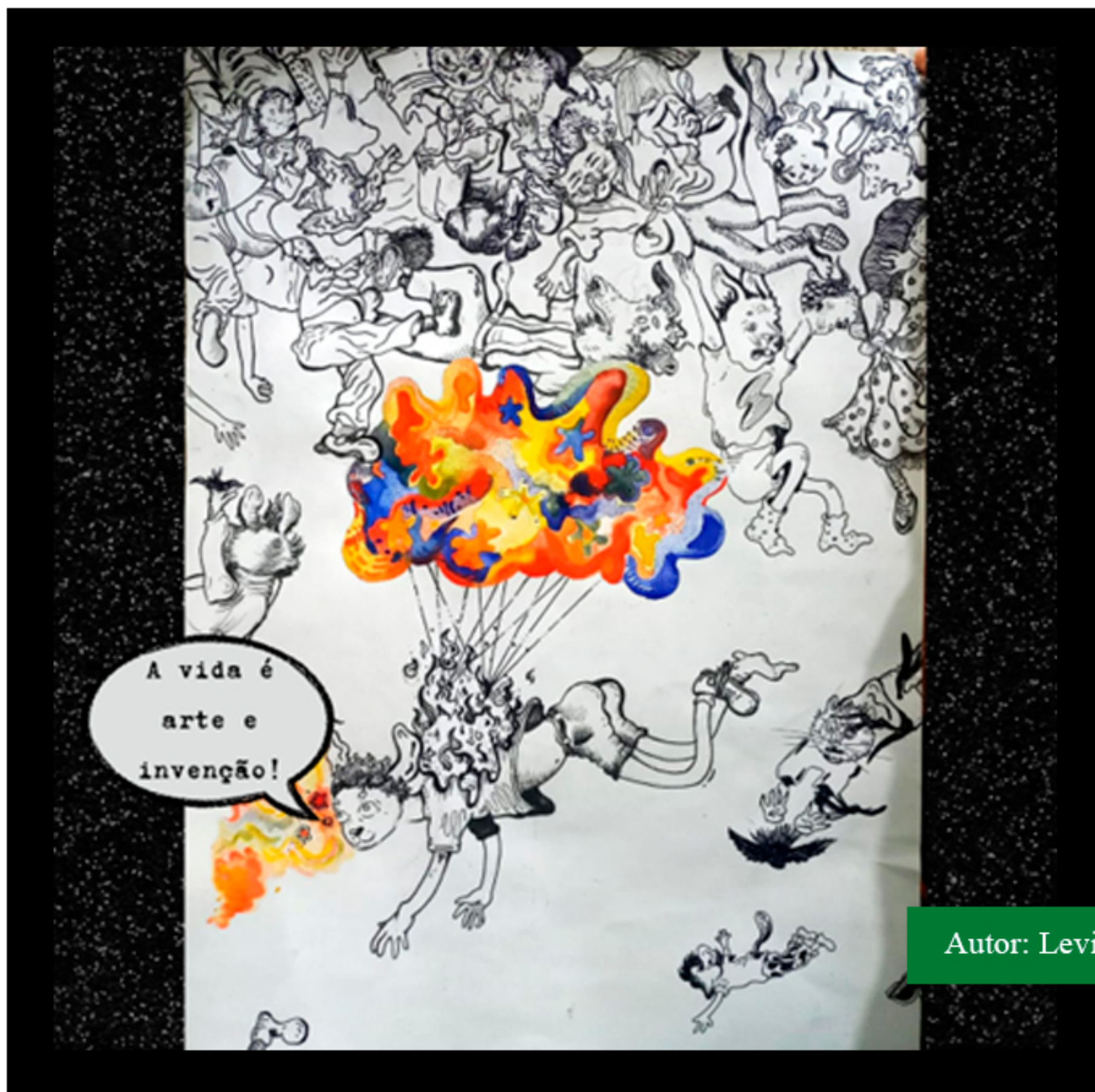
Você já ouviu a frase “nada em excesso é bom”? Ela se encaixa muito bem na filosofia de Epicuro, um filósofo pouco conhecido da Grécia Antiga. Ele dizia que nada em excesso é bom para nós, nem mesmo as coisas prazerosas. Por exemplo, posso gostar muito de chocolate, e comer um pedaço pode não me satisfazer. Se eu comer outro, posso ficar satisfeito; mas se começar a comer e comer e comer tantos chocolates que mal consigo contar, vou passar mal e sentir dor de barriga. Assim, Epicuro dizia que a moderação é como uma régua pessoal, que nos ajuda a balancear o desejo por chocolate. Em sua filosofia, a moderação geralmente garante um estado de tranquilidade e a libertação do sofrimento. Conhecendo os limites dos nossos desejos e aplicando a moderação, conseguiríamos evitar sofrimentos futuros que certamente nos fariam mal. Controlar nossos desejos, então, evita um possível sofrimento e, ao mesmo tempo, satisfaz nossas vontades. O mesmo princípio vale para o uso de celular, por exemplo. O vício nas telinhas pode ultrapassar o desejo de assistir alguma bobeira e alcançar níveis de necessidade constante do aparelho em nossas mãos. Não é surpresa ver crianças já vidradas com o celular, sem saber e sem ter um responsável para dosar esse desejo. Segundo Epicuro, não devemos ser reféns de nossos próprios desejos; com a moderação epicurista, temos uma chance de nos libertar.



Epicuro

Autoras: Cris Baniski, Helô e Danieli Kirschner.

Filosofia ILUSTRADA



Autor: Levi Tyler.



@fagulha

Venha fazer
FILOSOFIA
na **UNESPAR**



UNESPAR